

## Editorial

# De Corpo e Alma

Ademir Garcia Reberti<sup>1</sup>

Desde os primórdios da humanidade, quando a vida era ameaçada na sua integridade física, os agravos não compreendidos no cotidiano já eram atribuídos aos deuses e ao misticismo.

O avanço dos conhecimentos naturais das ciências e tecnologias, mergulhando num mundo não visível a olhos nus, mas compreensível e lógico de microrganismos, micropartículas e sistemas fisiopatológicos nos levaram ao desenvolvimento de um modelo biomecânico, tecnicista e fragmentado. Atribui-se aos fármacos, aos meios diagnósticos e terapêuticos advindos das intervenções científicas a solução plena para a abordagem do processo saúde-doença. Esta postura levou a uma cisão com a condição humana. O homem estava fadado e limitado no tempo e no espaço. Sabendo de sua transitoriedade, criava incertezas e conseqüentemente precisava procurar o imponderável, não mensurável e misterioso: a alma humana.

Esta busca pela transcendência, pelo sentido da vida, pela esperança, pelo conforto, pelo intangível e pela conexão com as demais pessoas, caminhando pelo mundo subjetivo, está além da religiosidade. Ela paira num universo que inclui a espiritualidade, especialmente frente à finitude, a dor e ao sofrimento. Curiosamente, quando a vida está ameaçada, estes sentimentos, colocados à margem pelas ciências, afloram como uma força poderosa.

Então, como um profissional da saúde estenderá seus cuidados no atendimento ao enfermo e seus familiares em seu sofrimento? Numa visão mais integrada e totalitária do humano? Num conceito multidisciplinar de saúde agregando aspectos físicos, psíquicos, sociais e espirituais? As escolas médicas devem procurar, através de suas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) que preconizam o perfil médico humano e reflexivo, proporcionar aos seus estudantes e professores momentos de intensas reflexões. Este aprendizado deve basear-se em empatia e compaixão, num universo amplo de valores familiares, crenças e contextos culturais, humanizando desta forma o atendimento. A visão do cuidar do outro deve ir além das medidas terapêuticas e a espiritualidade deve ser uma ferramenta do cuidado, pois a esperança encontra-se nesta dimensão.

Como abordar o tema espiritualidade com nossos alunos? Sabendo-se que os agravos à saúde rompem com os aspectos biológicos, psíquicos, sociais e espirituais e nossas intervenções devem atender o paciente em todas essas esferas?

Há várias formas das instituições operacionalizarem a abordagem da espiritualidade na formação do profissional de saúde, abrangendo desde uma disciplina formal, regulamentada na matriz pedagógica, a palestras, discussões em pequenos grupos, leituras, filmes sobre o tema, acompanhamento com capelães, entrevistas, cursos de extensão, atividades complementares, estágios, tutorias e abordagem na transversalidade dos currículos etc.

Diz Dimitrios G. Oreopoulos: “ não é necessário dar conselhos, nem lições ao paciente que sofre. Ele compreende quando você tem compaixão e sente-se ajudado. Ao sentir compaixão pelo outro, esquecemos de nós mesmos e de nossos próprios problemas”.



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

<sup>1</sup> Professor Titular e Coordenador do Núcleo de Ginecologia na Universidade da Região de Joinville (Univille), Santa Catarina, Brasil

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/Med.pdf>>.

### CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

O autor declara ter realizado todo o desenvolvimento do artigo.

### CONFLITO DE INTERESSES

O Autor alega não ter havido conflito de interesse.

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Ademir Garcia Reberti  
RUA JOAO THEIS, EDIFICO BOREAL, 75, Atiradores.  
CEP: 89201-700  
Joinville-SC